

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Os cem dias de FH

• Cem dias. Foi Napoleão quem primeiro tornou mágica esta marca. Saiu clandestinamente da ilha de Elba, onde o haviam exilado, para retomar o trono de França. Despacharam o marechal Ney, príncipe de Moskova, para enfrentá-lo, com forças imensamente superiores. Quando se encontraram, o Bravo dos Bravos desceu de seu cavalo e beijou a mão do Imperador. Foi o início da epopéia que terminou em Waterloo.

Começaram em março os cem dias de Napoleão. Os do segundo mandato de Fernando Henrique começam hoje, com o funcionamento do Congresso a pleno vapor. A tarefa é imensa e depende de forças políticas incertas: uma maioria velha, cansada da guerra eleitoral que dizimou quase metade das suas tropas, será substituída em fevereiro pela maioria nova e desconhecida. Mas terá de votar agora. A aprovação da contribuição dos aposentados do serviço público para a Previdência é considerada simbólica pelos investidores estrangeiros, ainda que não represente muito dinheiro. A nova maioria só começará a ser testada depois do carnaval, ou seja, na segunda metade de fevereiro. Parece mais sólida que a anterior, mas a prova dessa previsão só virá como tempo.

Os cem dias dependem, ainda, da velocidade com que for corrigida a política de juros altos, que provoca a recessão e a diminuição da arrecadação fiscal necessária à obtenção do superávit prometido ao FMI. A forma como será enfrentado o conflito com os Governos de Minas e do Rio de Janeiro também influirá no resultado.

Os juros atuais aprofundam a desconfiança dos banqueiros e investidores internacionais. Olham eles para os nossos sábios e pensam: "Esses rapazes estão me oferecendo juros oito vezes maiores que os que consigo no mercado civilizado. Como não são traficantes de cocaína, é claro que não vão poder pagar. Quando, não sei. Mas que pararão de pagar, é certo. Logo, não arrisco mais o meu dinheiro com eles". É esse o raciocínio que explica a dificuldade das empresas brasileiras para renovar os seus empréstimos no exterior.

O presidente Fernando Henrique convocou novos generais para enfrentar a adversidade, ainda não testados no novo campo de luta, que é o do aumento das exportações. São os ministros Celso Lafer, Botafogo Gonçalves e Francisco Dornelles. Rafael Grecca, encarregado de diminuir o prejuízo do turismo, também faz parte do grupo. Conservou, no entanto, os generais testados em inúmeras derrotas, reafirmando, perante presidentes estrangeiros, a certeza de que está tudo certo. São eles quem decidem o rumo da marcha.

Botafogo Gonçalves é quem parece ter mais clara a sua missão. Diz ele:

— Os pessimistas podem

achar que os juros e o câmbio inviabilizam qualquer esforço para aumentar as exportações. Há, no entanto, muita coisa que pode ser feita, examinando com detalhe cada cadeia de produção, consertando cada elo fraco, um por um. É um trabalho de formiga, paciente, que o meu antecessor começou a fazer e que tratarei de continuar. É possível que este ano os resultados possam não ser excepcionais, mas o importante é fazer com que todas as áreas do Governo passem a ter a obsessão das exportações. Exportar tem de ser a idéia fixa do Governo brasileiro.

O comércio exterior é uma via de mão dupla, na qual as importações têm crescido mais depressa nos últimos anos. Botafogo sabe serem elas importantes para a modernização da indústria, logo, para as vendas externas, mas acha possível atender parte das reivindicações do setor produtivo, que reclama condições de competição iguais com o estrangeiro. Diz:

— As importações não podem ser obstaculizadas, mas também não podem ser privilegiadas. Outro dia, recebi o Robert Fischer, que é a segunda autoridade do comércio exterior dos Estados Unidos. Ele me perguntou o que pretendia fazer. Disse-lhe que tinha um objetivo que sabia ser inalcançável: proteger a produção brasileira tanto como ele protegia a produção americana. Mas, ainda que sabendo não poder ser tão eficiente como os americanos, iria tentar.

Celso Lafer tem as mesmas intenções e conversou bastante com Botafogo nos últimos dias. Dele herda muitas estruturas burocráticas. No entanto, passados os elogios que a sua nomeação mereceu, não parece ter ainda um roteiro claro de trabalho. Apenas se declarou de acordo com a política em curso. A escolha de Andrea Calabi, que tem uma cabeça menos sábia que o resto da equipe econômica, para a presidência do Banco do Brasil reforça a sua posição. Um homem prático no comando do grande instrumento do crédito agrícola pode facilitar o seu trabalho.

Dornelles pretende percorrer o país convencendo os sindicatos de que a flexibilização das leis trabalhistas facilitará as exportações e, portanto, garantirá empregos. Não é provável que tenha grandes êxitos, embora o medo do desemprego mine a combatividade dos sindicatos.